

O ACERVO ETNOLÓGICO DO MAE/USP· ESTUDO DO VASILHAME CERÂMICO KAINGÁNG

Erika Marion Robrahn-González*

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. O acervo etnológico do MAE/USP: estudo do vasilhame cerâmico Kaingáng. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 133-141, 1997.

RESUMO: O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP possui em seu acervo etnológico uma coleção de 43 peças coletadas entre grupos Kaingáng de São Paulo. Dentre elas tem-se 29 vasilhas cerâmicas, formando a maior coleção do Estado. O objetivo do presente texto é apresentar e descrever, dentro de uma perspectiva arqueológica, este conjunto de vasilhas.

UNITERMOS: Estudos de acervo – Cerâmica – Kaingáng – Estado de São Paulo.

O acervo etnológico do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP abriga uma coleção de 43 peças obtidas entre grupos Kaingáng do Estado de São Paulo durante a primeira metade de nosso século. Trata-se de um material diversificado, como é possível observar no Quadro 1. Até o momento, estudos sistemáticos foram desenvolvidos somente para a coleção de arcos e flechas (Lane 1959) e para o material lítico polido (De Blasis & Morales, em artigo publicado nesta mesma Revista).

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e descrever as 29 vasilhas cerâmicas da coleção. A abordagem segue uma perspectiva arqueológica, procedendo-se a uma descrição tecno-tipológica das peças. Esta opção se deve, por um lado, à falta de estudos etnográficos sistemáticos sobre confecção e uso de cerâmica entre os Kaingáng paulistas.¹ Por outro lado, esta perspectiva per-

mitirá o desenvolvimento de futuras correlações com contextos arqueológicos, principalmente no que se refere à hipótese de filiação entre grupos indígenas Kaingáng e grupos ceramistas pré-coloniais relacionados à “tradição Itararé” (para uma discussão vide Robrahn 1989; e Robrahn-González 1997).

A falta de estudos etnográficos sistemáticos não se restringe, entretanto, à indústria cerâmica. Embora a presença de grupos Kaingáng no oeste paulista até a década de 20 tenha sido notificada e

QUADRO 1

Categorias de artefatos referentes ao acervo Kaingáng	
Arco	01
Flecha	05
Vara	02
Tecido	01
Boneco de argila	02
Vasilhas cerâmicas	29
Fuso	01
Buzina de argila	01
Machado lítico	01

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

(1) Ao contrário dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que contam com grande quantidade e diversidade de estudos (para uma síntese, vide Becker 1976, Mota 1994, Santos 1971, entre outros).

estudada por diferentes autores (para uma síntese, vide Baldus 1957), são raros os trabalhos que se preocupam com a documentação de seus vestígios materiais. Geralmente constituem breves descrições feitas durante viagens de reconhecimento (como da Comissão Geográfica e Geológica, 1914) ou por etnógrafos da primeira metade do século (Horta Barboza 1917, Métraux 1946, Paula Souza 1918, Maniser 1934, entre outros). Do ponto de vista da Etnoarqueologia, contamos com um único trabalho na região de Tupã (Miller Jr. 1978).

Dentro deste contexto, as 29 vasilhas cerâmicas ora estudadas são provenientes das seguintes expedições, organizadas em ordem cronológica:

- 1 vasilha (RG 2561) da exploração feita pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo ao rio do Peixe (afluente do Paraná), em 1905. Nesta época, o vale do Peixe ainda era densamente ocupado pelos indígenas que, inclusive, chegaram a atacar a equipe. Referências à cultura material são bastante esparsas, restringindo-se à observação de peças deixadas em aldeias abandonadas (Comissão Geográfica e Geológica, 1905).
- 1 vasilha (RG 2559) coletada por E. Garbe em 1910 na Estação Hector Legru, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.
- 1 vasilha (RG 2566) coletada pela Inspeção do Serviço de Proteção ao Índio de São Paulo no vale do Feio, em 1912.
- 24 vasilhas (RG 1148-49, 1163-70, 2552, 2555-58, 2560, 2564-65, 2570-71, 2592, 3723, 5833, 5838) provêm de uma expedição do Museu Paulista feita por Herbert Baldus e Harald Schultz ao Posto Indígena Icatu no período de 7 a 14 de fevereiro de 1947, "destinada expressamente a enriquecer o acervo etnológico do Museu" (Buarque de Hollanda 1948:3-4). Ao contrário de quase todas as demais expedições realizadas pelos pesquisadores, sobre esta nada foi publicado.
- 1 vasilha (RG 1147) doada ao Museu em 1947 por Walter Monteiro. Teria sido encontrada nas margens do rio Feio (paralelo ao Peixe, afluente do Paraná), no município de Oswaldo Cruz, durante os trabalhos de derrubada de mata.
- por fim, 1 vasilha (RG 13.549) coletada por Nair Ghedini, em 1978, no Posto Indígena Vanuire, município de Tupã.

Como se vê, a própria natureza das expedições é bastante variada, tendo ocorrido em regiões e períodos cronológicos distintos. Por outro lado, a falta de referências impede qualquer avaliação sobre o significado das amostras. Assim não é possível saber, por exemplo, se os diferentes tipos de vasilhas analisadas são representativos das variações apresentadas pela cerâmica Kaingáng como um

todo, ou, por outro lado, se o tamanho das vasilhas coletadas não estaria mais relacionado à facilidade de transporte, do que de fato à diversidade morfológica da indústria. Estas e outras tantas questões que poderiam ser levantadas indicam, sem dúvida, a fragilidade de nosso universo de análise. Por outro lado, as 29 vasilhas do MAE/USP constituem o maior acervo de cerâmica Kaingáng do Estado de São Paulo, justificando a relevância das análises.

Análise tecno-morfológica das vasilhas

Em termos tecnológicos as vasilhas apresentam características bastante homogêneas, como mostra o Quadro 2. Todas têm antiplástico mineral, queima variando entre completa (sem presença de núcleos, com argila de coloração negra) a incompleta (núcleo enegrecido, superfícies interna e externa alaranjadas). A cor da superfície externa varia entre marron e cinza/preto e a técnica de manufatura é por roletes e/ou modelagem. A espessura das peças varia entre 0,5 a 2,2cm, com média de 0,9cm. Todas as peças apresentam superfícies alisadas interna e externamente, sendo que em 19 delas (ou 65,5%) observa-se também a presença de brunidura,² que pode ocorrer em toda a superfície do vasilhame ou em forma de manchas. Uma vasilha apresenta engobo vermelho e três outros vestígios de tinta branca (estas últimas podendo estar relacionadas a pinturas recentes).

Morfologicamente, as vasilhas indicam maiores variações (como se observa no Quadro 3), tendo sido divididas em oito formas. A classificação seguiu a metodologia e nomenclatura desenvolvidas em Robrahn (1989).

Forma 1 (2 peças – Figura 1)

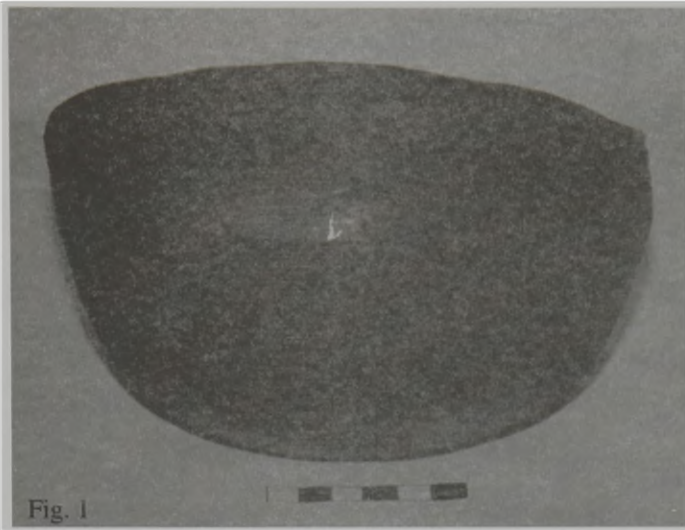
Vaso simétrico de boca ampliada, contorno simples e forma semi-elíptica. A altura da peça é menor que a metade do diâmetro da boca (tigelas rasas).

Apresentam lábio arredondado, borda direta inclinada externa. O diâmetro da boca varia de 19,5 e 24cm e o volume de 1,75 e 2 litros. As bases são convexas, com diâmetros de 11 e 17cm.

(2) Conforme definição de Miller Jr. (1978:5), a brunidura produz um polimento reluzente metálico, de coloração negra.

QUADRO 2

Atributos tecnológicos das peças						
Número RG	Proveniência	Antiplástico	Espessura da peça	Queima	Alisamento	Decoração
1147	Baldus 1947	Mineral	0,7cm		Superf. externa	Engobo vermelho
1148	"	"			Interna/externa	
1149	"	"			Brunidura int/externa	
1163	"	"	0,7cm	Completa negra	"	
1164	"	"	2,2cm		Interna/externa	
1165	"	"			Brunidura externa	
1166	"	"	0,8cm		Brunidura int/externa	
1167	"	"	0,7cm		"	
1168	"	"		Incompleta	Brunidura int/externa	
1169	"	"	0,7cm		"	
1170	"	"	0,8cm	Incompleta	Brunidura externa	
2552	"	"	0,5cm	Incompleta	Brunidura int/externa	Tinta branca
2555	"	"	0,7cm		"	
2556	"	"	1,3cm		Interna/externa	
2557	"	"	1,2cm		"	
2558	"	"	1,3cm		"	
2559	Garbe 1910	"		Incompleta	Brunidura int/externa	Tinta branca
2560	Baldus 1947	"	1,0cm		Interna/externa	Tinta branca
2561	Comis.Geo Geol 1905	"	0,7cm		Completa negra	Tinta branca
2564	Baldus 1947	"	1,0cm		Interna/externa	
2565	"	"	1,0cm	Incompleta	Brunidura int/externa	
2566	SPI 1912	"	1,0cm		"	
2570	Baldus 1947	"			Brunidura int/externa	
2571	"	"			"	
2592	"	"	0,8cm		Brunidura externa	
3723	"	"	0,7cm		Brunidura int/externa	
5833	"	"	1,5cm	Incompleta	Não alisado	
5838	"	"	1,0cm		Brunidura int/externa	
13549	Ghedini 1978	"	1,0cm		Int/externa	



Forma 2 (4 peças – Figura 2)

Vaso simétrico de boca ampliada, contorno simples e forma cônica. A altura do vaso é igual ou maior que a metade do diâmetro da boca (tigelas).

Apresentam lábio arredondado ou plano, borda direta vertical ou direta inclinada externa. O diâmetro da boca varia de 11 a 12cm e o volume de 0,5 a 0,75 litros. As bases podem ser planas ou convexas, com diâmetros de 4,5 a 9,5cm.

Forma 3 (1 peça – Figura 3)

Vaso simétrico de boca constrita, contorno simples e forma semi-esférica. Apresenta alças laterais.

Tem lábio arredondado e borda direta inclinada interna. O diâmetro da boca é de 11cm e o volume de

0,9 litros. A base é convexa, com 7cm de diâmetro.

Forma 4 (17 peças, Figura 4)

Vaso simétrico de boca constrita ou levemente ampliada, contorno infletido e forma cônica.

O lábio varia de arredondado (16 peças) a biselado (1 peça). A borda varia de infletida vertical a infletida inclinada externa. O diâmetro da boca varia de 10 a 26cm e o volume de 0,5 a 21,5 litros. As bases são cônicas, com 3 a 6cm de diâmetro.

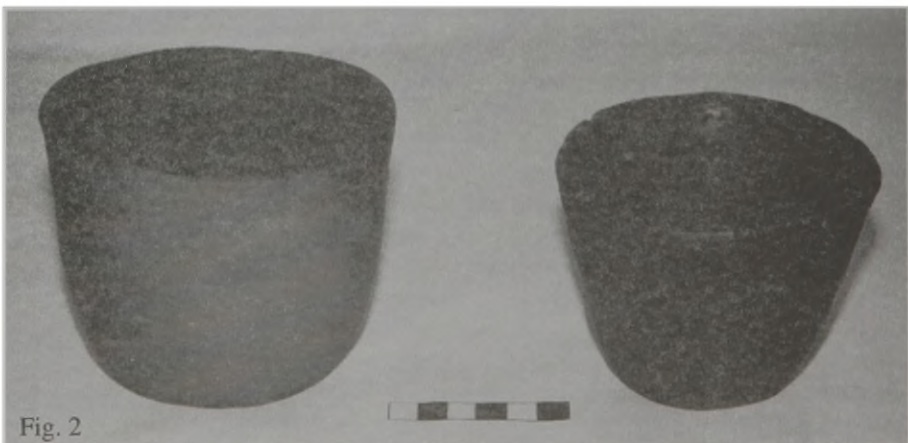
Esta forma reúne as vasilhas com maior variação de tamanho, como é possível observar pelas medidas e volumes obtidos. A maioria das peças (11 delas), entretanto,

é grande (de 4 a 21,5 litros), sendo que 3 delas apresentam cordas feitas em fibras ao redor do gargalo e formando uma alça (Figura 4 b). As demais 8 vasilhas grandes apresentam marcas de desgaste também provocadas por cordas, no mesmo local.

Forma 5 (2 peças, Figura 5)

Vaso simétrico de boca ampliada, contorno infletido e forma esférica.

O lábio é arredondado, com borda variando entre infletida vertical e infletida inclinada externa. O diâmetro da boca varia de 17 a 19cm, e o volume de 1,9 a 2,7 litros. As bases são convexas, com 6 a 9cm de diâmetro (Quadro 3).





Forma 7 (1 peça – Figura 7)

Vaso simétrico de boca constricta, contorno infletido e forma semi-esférica. Apresenta gargalo curto, a 2cm do lábio.

O lábio é arredondado, a borda infletida inclinada externa. Tem diâmetro de boca de 19,5cm e volume de 2 litros. A base é convexa, com 5cm de diâmetro.

Forma 8 (1 peça – Figura 8)

Vaso simétrico de boca constricta, contorno infletido e gargalo afunilando a peça.

O lábio é plano, a borda infletida vertical. Tem diâmetro de boca com 3,5cm e volume de 1,3 litros. A base é plana, com 12cm de diâmetro.

Forma 6 (1 peça – Figura 6)

Vaso simétrico de boca constricta, contorno infletido e forma esférica. Apresenta alças laterais.

O lábio é arredondado, a borda infletida vertical. Tem diâmetro de boca de 16cm e volume de 3 litros. A base é convexa, com 10cm de diâmetro.

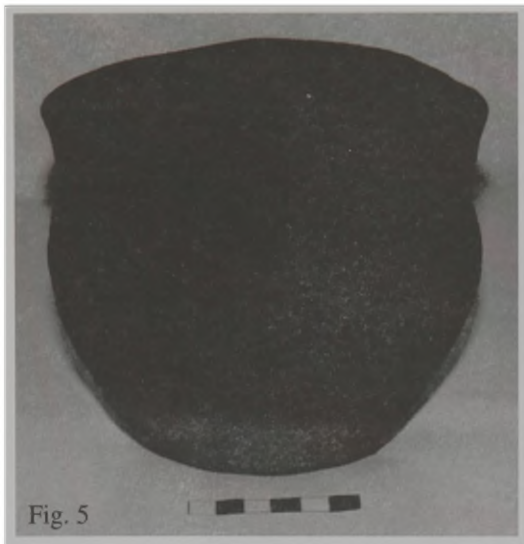
Informações sobre os contextos de fabricação e uso destas vasilhas são extremamente po-



QUADRO 3

Atributos morfológicos das peças

Número RG	Lábio	Borda	Forma	Diâmetro boca cm	Volume (litros)	Tipo de base	Outros
1147	Arredondado	Infletida inclinada externa	4	18,5	6,2	Cônica	Alça de 48cm
1148	"	"	4	11,0	0,5	"	"
1149	"	"	4	22,0	5,0	"	Marcas de cordas gargalo
1163	"	"	4	17,5		"	"
1164	Plano	Direta inclinada externa	2	12,0	0,5	Plana	
1165	"	Infletida vertical	8	3,5	1,3	"	
1166	Arredondado		4	11,0	1,0	Cônica	
1167	"	Direta inclinada externa	2	12,0	0,7	Convexa	
1168	"	Infletida vertical	5	17,0	1,9	"	
1169	"	Direta inclinada externa	1	19,5	1,7	"	Marcas de cordas gargalo
1170	"	Infletida inclinada externa	4	21,5	9,0	Cônica	
2552	"	"	4	10,0	0,5	"	
2555	"	Direta vertical	2	11,0	0,5	Convexa	
2556	"	Infletida inclinada externa	7	19,5	2,0	"	
2557	"	Infletida vertical	4	11,5	0,6	Cônica	Marcas de cordas gargalo
2558	"	"	4	11,5	0,5	"	"
2559	"	Infletida inclinada externa	4	18,5	4,5	"	"
2560	"	"	4	20,0	4,5	"	Cizal no gargalo
2561	"	"	4	18,5	4,2	"	Corda no gargalo
2564	"	"	4	21,0	21,5	"	Marcas de cordas gargalo
2565	"	"	4	23,0	10,0	"	"
2566	"	"	4	24,0	9,0	"	Alças
2570	"	"	5	19,0	2,7	Convexa	
2571	"	Infletida vertical	6	16,0	3,0	"	Alças
2592	"	Direta inclinada externa	2	11,0	0,5	"	
3723	"	Direta inclinada interna	3	11,0	0,9	"	
5833	"	Direta inclinada externa	1	24,0	2,0	"	Marcas de cordas gargalo
5838	Biselado	Infletida inclinada externa	4	26,0		Cônica	
13549	Arredondado	Infletida vertical	4	10,0	0,6	"	

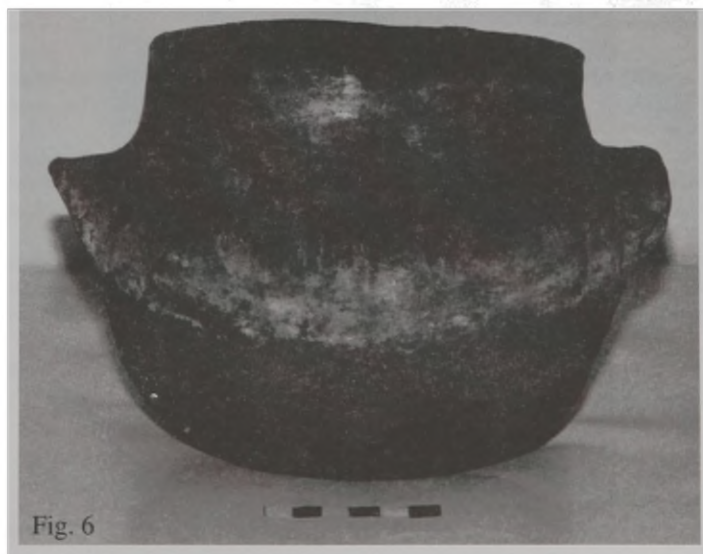


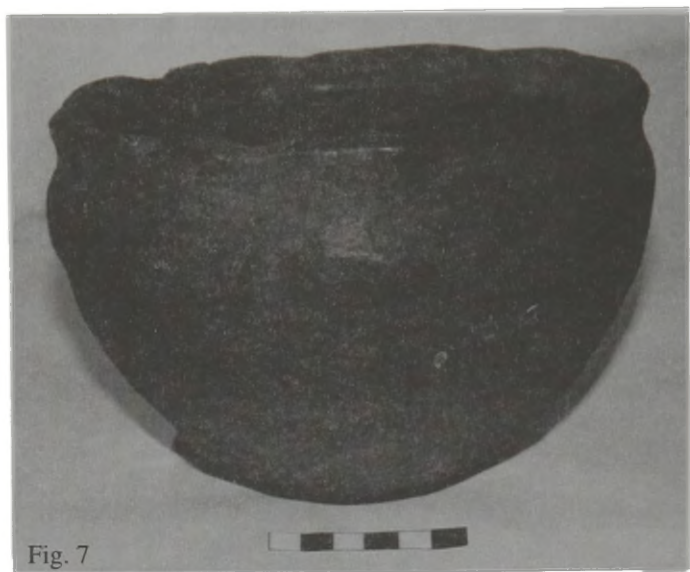
bres e de duvidoso significado. Assim, segundo registros existentes nas Fichas do Acervo (MAE/USP), todas as vasilhas teriam sido confeccionadas por mulheres e seriam utilitárias. Entretanto, nem todas as expedições tiveram contato direto com os indígenas (ao menos as de RG 1147, 2559 e 2566 foram coletas em áreas que tinham sido ocupadas por Kaingáng, mas não

em reservas), questionando a generalização do dado.

As únicas referências funcionais foram dadas pela doadora Nair Ghedini, que teria entrevistado uma índia, de nome Candira, no Posto Vanuire (Tupã). Segundo a informante, o vaso relacionado à forma 8 teria sido utilizado para armazenar água, enquanto todos os demais estariam relacionados ao preparo de alimentos. Candira indicou ainda que as vasilhas grandes da forma 4 serviriam para cozer macacos e aves maiores; e que as vasilhas pequenas desta mesma forma teriam o nome indígena "Cocran"

Estas informações avulsas pouco contribuem para uma melhor caracterização da indústria. A total falta de dados sobre as próprias expedições é outra agravante, enfraquecendo o alcance das discussões. De qualquer forma, entendemos que a continuidade das análises pode seguir dois caminhos que, entretanto, estão fora do escopo do presente artigo. O primeiro caminho diz respeito a possíveis relações com a etnoarqueologia, mesmo que contemos, em São Paulo, com um único trabalho (Miller Jr. 1978). O segundo caminho se volta a estabelecer relações mais seguras com a tradição arqueológica Itararé, cujos sítios estão presentes em grande quantidade em toda a porção sul-sudeste do Estado.





ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. O acervo etnológico do MAE/USP: estudo do vasilhame cerâmico Kaingáng. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 133-141, 1997.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. The ethnographic collection of the MAE-USP: analysis of the Kaingáng vessels. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 7: 133-141, 1997.

ABSTRACT: The Museu de Arqueologia e Etnologia of the Universidade de São Paulo has an ethnographic collection of 43 artifacts from the Kaingáng Indians of the State of São Paulo. Among these artifacts there are 29 ceramic vessels, which form the largest available collection from the whole State. The goal of this paper is to present and describe, from an archaeological perspective, this set of vessels.

UNITERMS: Curatorship studies – Ceramics – Kaingáng Indians – São Paulo State.

Referências bibliográficas

- BALDUS, H.
1957 Sinopse da História dos Kaingáng paulistas. *Rev. do Museu Julio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul*, Imprensa Oficial, Porto Alegre, 8: 83-89.
- BECKER, I.B.
1976 O índio Kaingáng no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* n.29, Instituto Anchieta-ano de Pesquisas, São Leopoldo.
- BUARQUE DE HOLLANDA, S.
1948 *Relatório referente ao ano de 1947*, Arquivo Permanente do Museu Paulista, Fundo Museu Paulista, Livro 31: 3-4.
- COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
1914 *Exploração do rio do Peixe*, Typ. Brazil de Rothschild, São Paulo.
- HORTA BARBOZA, L.B.
1917 *A pacificação dos Caingangs paulistas. Hábitos, Costumes e Instituições*. Rio de Janeiro.
- LANE, F.
1959 Arcos e flechas dos índios Kaingáng do Estado de São Paulo. *Rev. do Museu Paulista*, Nova Série, São Paulo, XI:71-97.
- MANISER, H.H.
1934 Música e instrumentos de música de algumas tribos do Brasil. *Rev. Brasileira de Musica*, Rio de Janeiro, I: 303-327.
- MÉTRAUX, A.
1946 The Caingang. *Handbook of South American Indians*, Washington, vol.I: 445-475.
- MILLER JR., T.O.
1978 Tecnologia cerâmica dos Caingáng paulistas. *Arquivos do Museu Paranaense*, Nova Série, Etnologia, Curitiba, 2:1-25.
- MOTA, L.T.
1994 *As Guerras dos índios Kaingáng – a história épica dos índios Kaingáng no Paraná (1769-1924)*. Editora da Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- PAULA SOUZA, G.H.
1918 Notas sobre uma visita a acampamentos de índios Caingangs. *Rev. do Museu Paulista*, São Paulo, X: 739-758.
- ROBRAHN, E.M.
1989 *A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, São Paulo os grupos ceramistas do médio curso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, São Paulo.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
1997 Diversidade cultural entre os grupos ceramistas do sul-sudeste brasileiro: o caso do vale do Ribeira de Iguape. M.C.Tenório (Ed.) *Pré-História Brasileira*, EDUFRRJ, Rio de Janeiro (no prelo).
- SANTOS, S.C.
1971 *Índios e brancos no sul do Brasil – a dramática experiência dos Xoklém*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.

Recebido para publicação em 30 de julho de 1997.